



INTERFERÊNCIAS NO MEIO NATURAL PELO CONTATO DO CORPO: UMA PESQUISA EM POÉTICAS VISUAIS

INTERFERENCES IN THE NATURAL ENVIRONMENT THROUGH BODY CONTACT: A RESEARCH IN VISUAL POETICS

Maria Luiza dos Santos Fonseca ¹
Universidade Federal de Santa Maria

Yasmin Brilhante ²
Universidade Federal de Santa Maria

Rebeca Lenize Stumm ³
Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

Esta pesquisa investiga, por meio das poéticas visuais, as possibilidades de aprofundar os vínculos sensoriais e simbólicos entre corpo, arte e natureza. A partir de práticas que utilizam materiais orgânicos, como barro e sementes, a pesquisa levanta uma reflexão sobre a interdependência entre o ser humano e o meio natural, tendo como base o pensamento Ailton Krenak e Leda Maria Martins, a investigação compreende o corpo como agente sensível, capaz de produzir conhecimento e deixar rastros que dialogam com os ciclos da vida. O artigo também contribui para reflexões sobre sustentabilidade, propondo práticas de baixo impacto ambiental. Assim, insere-se nas discussões contemporâneas sobre arte, ecologia e corporeidade, considerando que desse percurso, emerge uma poética que une sensibilidade, cuidado e pertencimento.

Palavras-Chave: Poéticas Visuais, Arte Contemporânea, Eco-Arte, Arte Processual.

ABSTRACT

This research investigates, through visual poetics, the possibilities of deepening the sensory and symbolic links between body, art and nature. Based on practices that use organic materials, such as clay and seeds, the research proposes a reflection on the interdependence between human beings and the natural environment. Based on the thinkers Ailton Krenak and Leda Maria Martins, the investigation understands the body as a sensitive agent, capable of producing knowledge and leaving traces that dialogue with the cycles of life. The article also contributes to reflections on sustainability, proposing practices with low environmental impact. Thus, it fits into contemporary discussions on art, ecology and corporeality. Through this path, a poetics emerges that unites sensitivity, care and belonging.

KEYWORDS: *Visual Poetics, Contemporary Art, Eco-Art, Process Art.*



Introdução

Com o impulso por uma busca de aprofundar a percepção que vem da poética da coexistência com a natureza - e com o propósito de compartilhar essa sensibilidade para que outros possam ampliar as noções de interdependência entre o ser humano e o meio natural – investiga-se com este artigo as possibilidades artísticas para evidenciar a potencialização dos vínculos com a terra, pois assim como o filósofo indígena Ailton Krenak aponta, “essa potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo poderia ser uma boa ideia de educação” (Krenak, 2022, p.103). A pesquisa trata também, da construção de um sentimento de pertencimento, que emerge das experiências sensoriais do corpo e de sua atuação sobre o ambiente, revelando as sutilezas das relações entre sujeito e meio natural.

A partir desse processo, pode-se perceber a natureza como presença ativa, tornando-a um agente tanto de produção quanto de recepção de interferências no corpo artístico e estendendo-se também a natureza ao entorno, surgindo assim uma busca por criar ou se apoderar desses ambientes, acompanhando suas manifestações.

Ao iniciar o ano de 2023, estávamos em pesquisa pelo projeto de iniciação científica, Terra Paisagem: Pesquisa poética em Artes Visuais, neste projeto investigamos as poéticas apresentadas em eventos de arte que tratavam principalmente de questões de ecologia, percebendo aí, as inúmeras possibilidades de se produzir arte com o uso da terra e de outros elementos naturais como materialidade.

Aproximar o estudo poético à natureza, permitiu reconhecer a relevância de um processo de investigação de materialidades orgânicas na produção de trabalhos artísticos. A preocupação com resíduos poluentes perante este período de urgências climáticas, se fez presente como um fator fundamental para repensar a materialidade da pesquisa artística, possibilitando, não apenas a pluralidade de meios para a produção artística, como também a expansão dos discursos poéticos que circundam essas discussões.



Este artigo tem como objetivo, conduzir uma pesquisa em Poéticas Visuais a partir de reflexões sobre a experiência de um corpo, o corpo da artista-pesquisadora, que gera uma interferência no ambiente natural e elabora uma análise acerca do momento único e específico em que o corpo se encontra com uma superfície orgânica preparada para recebê-lo em um período, ou na duração de performance artística.

Metodologia

A metodologia desta pesquisa nasce do próprio processo poético, acompanhando investigações junto a organismos vivos, continuamente, priorizando elementos de baixo impacto ambiental, que podem se integrar ao ecossistema sem interferir negativamente no meio. O manuseio dessas materialidades que envolvem ciclos de vida, como o cultivo e a germinação de gramíneas, recebem interferências do corpo da artista, podendo assim, modificar o percurso desses ciclos. Sendo assim, o toque e o impacto do corpo são assumidas como ações performáticas que inserem a sensibilidade desse corpo nesses espaços que podem ser chamados de microambientes vivos. Por se tratar de materiais sujeitos à mudanças constantes, os registros fotográficos e audiovisuais tornam-se essenciais para dar continuidade às experiências processuais. O vídeo, inclusive, pode ser meio de desenvolvimento de novos trabalhos.

Esse método de pesquisa relaciona-se diretamente às infinitas possibilidades da produção artística contemporânea, visto que de acordo com Nicolas Bourriaud, a arte se dedica a dar atenção aos processos que habitam o invisível (Bourriaud, 2004), sendo assim, simples ações podem ser potencializadas com a arte.

Desenvolvimento

Como primeiro projeto utilizando materialidades orgânicas, foi realizada uma instalação intitulada de *“Elementos Vitais”*. Com o propósito de realizar experimentações, limitou-se os elementos naturais escolhidos: o barro (terra) e sementes de alpiste. O projeto teve início a partir da modelagem de um círculo, semelhante a um prato de barro úmido, sobre o qual foram espalhadas as sementes por toda sua superfície. Antes disso, as sementes passaram por um despertar da



dormência ⁴, o que permitiu perceber que o primeiro toque na semente e o processo de observação e atenção contínuos, já faziam parte do trabalho como início da sensorialidade com as materialidades, a partir da sequência de ações necessárias para sua construção. As sementes foram distribuídas, sobretudo, no centro da superfície de barro, regadas várias vezes ao dia durante sete dias, além de serem posicionadas em um local com boa incidência de luz. Através de uma análise mais aprofundada sobre o processo de produção desse trabalho exploramos todo o percurso de modelagem da superfície, de rega diária e de zelo, também como uma questão possivelmente performática, pois devido a um contato pregresso com os materiais, ainda que sem o acompanhamento presencial do público, consideramos essas ações como atos transformadores.

A produção do trabalho exigiu cuidado constante, permitindo que se estabelecesse uma relação direta com esse ambiente, mesmo antes de saber, exatamente, como o corpo da artista interviria sobre aquela superfície. A partir desse momento, todo o desenvolvimento do trabalho voltou-se para o cultivo das sementes, que deram origem a um microambiente vivo preparado para receber as marcas sensoriais das pegadas da artista. No momento do contato mais transformador, o peso do corpo criou relevos na superfície, enquanto os pés podiam sentir o toque sutil das gramíneas. Tratava-se da ação performática realizada frente ao público.



Imagem 1. Sementes germinadas sobre superfície de barro modelado, 2023. Fonte: Leonardo Londero.

Da evolução desse trabalho, surgiu como uma forma de experimentar e observar as características da progressão do alpiste em uma superfície que simula o solo, porém



construída e cultivada com intenções poéticas. O processo de germinação se apresentou como um desafio, exigindo outro tempo de produção e de espera diante do crescimento de seres vivos (as sementes) que não podem ser totalmente controlados. A expectativa em torno desse “objeto/microambiente”, como passamos a nomear esses cultivos que se tratavam de formas que cujo domínio não era totalmente controlado, gerou um sentimento e necessidade de proximidade contínua com o “objeto/microambiente”, o que auxiliou o entendimento do desenvolvimento de algo vivo por temporalidades potencialmente poéticas. Estabeleceu-se, assim, uma relação de dependência por parte das plantas e do cuidado-atenção constante.

Essa sensibilidade estética diante das manifestações naturais é apontada por Humboldt (2009) como um fator capaz de despertar no indivíduo um prazer particular, resultante da contemplação da vegetação e das sensações subjetivas que ela provoca. E que então, na experiência performática esta percepção pode se ampliar.



Imagem 2. Ação performática sobre sementes germinadas, 2023. Fonte: Leonardo Londero.

Ao pressionar os pés descalços sobre o barro, a artista relata sentir a superfície úmida pela irrigação constante das sementes e sua presença deixa um rastro que afetou diretamente as gramíneas, mesmo as que ainda estavam em processo de crescimento, alterando as estruturas do microambiente no impacto entre corpo, terra modelada e organismos vivos. No entanto, pensando sobre o que ocorreu antes desse gesto, quando as mãos já haviam intervindo na argila, moldando-a e transformando



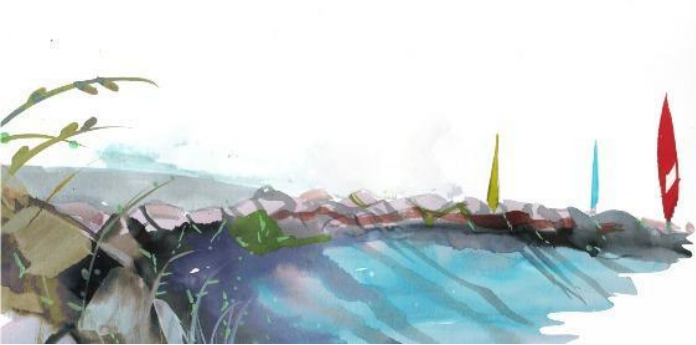
sua forma em uma estrutura circular, considero que aí já havia referência ao formato da Terra. E no decorrer desse processo, as diferentes relações que surgiram, como o contato com as mãos, criando aproximação maior com a terra modelada e a interação com os pés, que não possuem as mesmas habilidades motoras, porém como pés, podem dispor de outra maneira particular de sentir a materialidade, talvez ainda inaugurando um momento inaugural ao corpo da artista não acostumado a este contato. Aprofundando ainda mais a análise, é possível desdobrar o pensamento de que a posição ereta, na verticalidade, ao qual o corpo interage com o “objeto/microambiente” manifesta um aspecto ligado ao andar ereta, acordada, consciente desse ato de contato direto entre o corpo e a terra.

Nesta fase da pesquisa, os pensamentos de Leda Maria Martins tornaram possível investigar as “inter-relações entre corpo, tempo, performance, memória e produção de saberes, principalmente os que instituem por vias da corporeidade” (Martins, 2021, p.22), evidenciando assim, o vínculo entre artes efêmeras e o corpo.



Imagem 3. Superfície de barro após interferência da ação performática, 2023. Fonte: Leonardo Londero.

Agora, por escolher materiais orgânicos para realizar esta pesquisa, há a consciência de que não apenas a estrutura natural do “objeto/microambiente” sofre alterações, como também sua visualidade é modificada. Dessa forma, a superfície de terra-transformada pelas marcas do corpo da artista, pela construção/modelagem e pelo contato em performance - foi instalada em um espaço aberto, permitindo que se integrasse à paisagem natural e seguisse em contínua transformação, cumprindo seu papel dentro do ciclo vital, assim como explica Thales de Azevedo (1987):



“A vida é, como se vê, uma contínua adaptação de relações internas e externas, obedecendo a regularidades que, em certo sentido e medida, têm a ver com as estações, com as variações do clima e até com a posição dos astros do sistema solar. (...) Essa sucessão natural e normal dos processos biológicos é o que se denomina ciclo vital (...).”
(Azevedo, 1987, pág. 6)

Na sequência dessa pesquisa, relatamos o início a um trabalho que se complementa tanto poeticamente, quanto em materialidade, à instalação mencionada anteriormente. A partir da apropriação de um objeto cotidiano utilizado como suporte para uma delicada camada de terra e sementes de alpiste, surgiu a instalação/performance intitulada “*Marcas que (Des)envolvem*”, que se desdobrou no cultivo desse alpiste sobre a superfície de uma cama pré-fabricada.

A principal referência para a construção poética e visual deste trabalho foi a série de fotografias da artista Ana Mendieta, intitulada “*Siluetas (1973)*”⁵, que, por meio de rituais performáticos e sutis intervenções na paisagem, imprimiu no solo suas silhuetas - vestígios que evocam a imagem de covas. Em seus gestos, Mendieta revela uma profunda comunhão com a natureza, ao mesmo tempo em que inscreve sua presença no ambiente, podendo também caracterizar seu trabalho como land art pois, de acordo com Louise Ganz:

“Deslocando-se do ateliê para regiões desérticas, a fim de produzir obras por meio da intervenção física sobre o espaço, alguns artistas usaram de procedimentos práticos (...). Novas ferramentas são utilizadas, distintas daquelas dos ateliês: máquinas para escavar, revolver e deslocar a terra, tratores e caminhões, além do próprio corpo como instrumento de envolvimento com o meio ambiente.”
(Ganz, 2015, pág. 14)



Imagem 4. Série *Siluetas*, Ana Mendieta, 1973. Fonte: MoMA.

Novamente, todo o percurso evidenciou que, em cada etapa - desde os cuidados cotidianos até as escolhas feitas para favorecer a germinação - a presença e interferência do corpo da artista se manifestaram sobre esses pequenos seres vivos (as sementes), mesmo nos momentos em que não havia contato direto. O ato de espalhar o alpiste sobre a terra, regá-lo diariamente e posicionar a cama em um local propício à incidência solar reforçou essa relação de influência e cuidado.

Para a composição deste trabalho, foi pensado na disposição da cama sob uma luz intensa e, durante a performance, o aproximar da artista caminhando lentamente em sua direção, sentando à frente da cama, tocando suavemente sua superfície e, por fim, deitando-se sobre as gramíneas em crescimento, marcando a presença da artista naquele ambiente com o próprio corpo. Este gesto de encontro com a terra viva que se expandia sobre a cama, expressou diante dos que ali estavam, a conexão íntima com aquele ecossistema efêmero, onde as frágeis gramíneas se encarregaram de desenhar, com delicadeza e precisão, os contornos da silhueta do corpo da artista - um instante singular tanto na existência da artista quanto na das plantas, um momento irrepetível.



Imagem 5. Registro da performance *Marcas que (Des)envolvem*, 2024. Fonte: Leonardo Penna.

Diferentemente da instalação anterior - que como primeiro contato com aquela materialidade, a ação se mostrava mais racional, parecendo ser dominada buscando um efeito específico e no qual a preocupando estava mais com a visualidade - o desdobramento desse trabalho em performance mudou e isso se revelou na forma e na silhueta do corpo sobre o “objeto/microambiente”. Esse trabalho não relaciona-se mais com uma espécie de racionalismo, neste momento, o deitar criou marcas na cama coberta de gramíneas que delinearão uma posição que remetia ao recolhimento fetal e expressavam uma associação com os sonhos, a não racionalidade que os pés e mãos expressam, algo que remete também a este contínuo vínculo ao trabalho.

Esta pesquisa ressalta o diferencial poético que o diálogo com seres capazes de vida própria fomentam, ao exigir interação com a falta de domínio humano sobre o rumo de desenvolvimento das sementes. De acordo com Mancuso “vemos o que entendemos e entendemos apenas o que é semelhante a nós”, com isso, percebe-se que a pesquisa nos aproxima da compreensão acerca da germinação das plantas que se dá através das diferentes soluções evolutivas, estas por vezes, irreconhecíveis, pois segundo o autor, são distantes das estruturas de nós animais. A fala do autor de



que consideramos as plantas “uma mera parte da paisagem”, reforça esta percepção. (Mancuso, 2019, p. 95).

A imprevisibilidade se uniu à poética, não apenas no processo de construção do “objeto/microambiente”, como também na aproximação performática da artista, valorizando a impressão da sensibilidade com aquele ambiente e o contexto como um todo manifestava.



Imagem 6. Registro da performance *Marcas que (Des)envolvem*, 2024. Fonte: Leonardo Penna.

Acreditamos que o simples contato com as frágeis sementes de alpiste germinadas despertou um certo receio quanto à realização do próximo gesto previsto para aquela performance, como se, de alguma forma, houvesse temor de ferir aquele conjunto de seres que por dias estiveram sob vigília atenta e constante afeto. Ainda assim, mesmo entre hesitações, o ato foi adiante. E, ao levantar da cama, deixando para trás aquele registro, a artista relata ter também se distanciado da sutil fragilidade que as gramíneas transmitiam sob seu toque. Diferente do trabalho anterior - no qual apenas mãos ou pés atuavam sobre o microambiente - desta vez, todo o corpo estava imerso no contato direto com aquela superfície fria e macia. O traço impresso por essa ação provocou também na artista, uma estranheza quase perturbadora, revelando uma presença que se fazia sentir, mesmo na ausência física do contato do microambiente



com o corpo - como se o contato ainda persistisse, habitando o vazio que outrora ocupou.

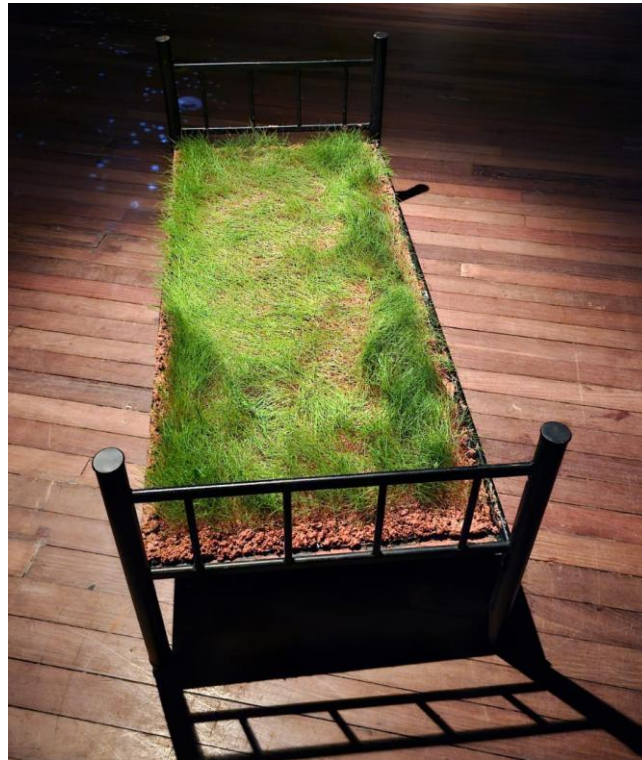


Imagem 7. Rastros da performance *Marcas que (Des)envolvem*, 2024. Fonte: Rebeca Stumm.

A evolução deste trabalho se deu após o gesto atento de cuidar das pequenas gramíneas, que, lentamente, se teceram em um microambiente vivo. A ele dedicou sua atenção, até o momento em que, oferecendo seu corpo, a artista imprimiu sobre suas frágeis estruturas o peso da sua presença, deixando que a matéria absorvesse sua marca. Esse gesto, somado aos ciclos inevitáveis da própria vida, trouxe a possibilidade de morte como continuidade. Após o ato performático e sua exposição, as gramíneas seguiram seu destino e sem o amparo constante, murcharam, perderam o viço, que aos poucos, se renderam ao domínio de outros corpos (os fungos) que, silenciosamente, tomaram aquele espaço. Como vestígios desse percurso, os registros - imagens e rastros - desdobraram-se em novas experimentações, permitindo que o trabalho seguisse vivo em outros modos de existência.



Imagem 8 e 9. Vestígios modificados da performance *Marcas que (Des)envolvem*, 2024.

Considerações Finais

Diante do exposto, esta pesquisa se insere no campo das artes contemporâneas como uma prática que tensiona os limites tradicionais da produção artística, ao propor uma investigação poética que se constrói a partir da relação direta com a natureza e seus ciclos vitais. A utilização de materiais orgânicos, vivos e efêmeros, além da inserção do corpo como agente ativo, amplia as discussões sobre performatividade, materialidade, processos e impermanência na arte. Ao deslocar o foco do “objeto/microambiente” para a experiência, o gesto e o cuidado, este percurso dialoga com correntes artísticas contemporâneas que valorizam a arte-processo e o pensamento ecológico, expandindo as possibilidades das poéticas visuais.

Além disso, ao priorizar materialidades sustentáveis e práticas de baixo impacto ambiental, a pesquisa fortalece a consciência ecológica, alinhando-se às urgências atuais frente às crises climáticas. Nesse sentido, a proposta também assume um papel cultural e social relevante, pois promove uma educação sensível que valoriza o



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

cuidado, a empatia e o pertencimento, não apenas no âmbito humano, mas ampliado a toda rede de vida da qual fazemos parte.

Nesse contexto, há uma ampliação da perspectiva poética na relação entre ser humano e natureza, esta, que passa a ser entendida não apenas como cenário ou recurso, mas também como presença viva e sensível. Através do cultivo, da escuta dos ritmos naturais e da imersão sensorial no ambiente, esta pesquisa poética convida a refletir sobre os modos de existir e de se relacionar com o mundo, colocando em evidência a necessidade de repensarmos nossas práticas, inclusive no fazer artístico, a partir de uma concepção que busca a esfera do sensível com a vida que transcorre.



Referências

AZEVEDO, Thales De. **Ciclo da vida: Ritos e ritmos**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo**. 1. ed. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda, 2009.

GANZ, Louise. **Imaginários da terra: ensaios sobre a natureza e arte na contemporaneidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2015.

HUMBOLDT, Alexander von. **Essay on the geography of plants**. Chicago: The Chicago University Press, 2009.

KRENAK, Ailton . **Futuro Ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LEE, Barbara. Silueta Works in Mexico. **Institute of Contemporary Art / Boston**, 2014. Disponível em: <https://www.icaboston.org/art/ana-mendieta/silueta-works-mexico/>. Acesso em: 24 set. 2024.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das Plantas: um novo model para o futuro**. Traduzido por: Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Notas

¹ Graduanda no Curso em Artes Visuais, bacharelado em Desenho e Plástica na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Participante do Grupo de Pesquisa em Artes: “Momentos Específicos” (CNPq/UFSM) e vinculada ao Laboratório de Pesquisa em Artes, Tempo e Espaço (LARTES/UFSM). Sua pesquisa na área de Arte aborda questões relacionadas às interferências de um corpo com o meio natural. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/3669928432821636>

² Graduanda no curso em Artes Visuais, bacharelado em Desenho e Plástica na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Participante do Grupo de Pesquisa em Artes Momentos-Específicos (UFSM). Sua pesquisa na área de Arte aborda questões relacionadas aos afetos cotidianos. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3145137900707562>

³ Professora no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria, (PPGART/UFSM). Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Universidade Federal de Santa Maria. Av. Roraima nº 1000 Cidade Universitária Bairro - Camobi, Santa Maria - RS, 97105-900. E-mail: rebeca.stumm@ufsm.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1683-3432> Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/2180723274611305> Santa Maria, Brasil.

⁴ Trata-se de uma técnica da botânica, a qual consiste em induzir as sementes que estão impedidas de receberem influências externas, como a absorção de água, desfavorecendo a germinação, as deixando submersas em água por 24h, quebrando seu estado de “dormência”. Disponível em: <https://www.trapp.com.br/pt/cuidados/sementes-dormem-veja-como-desperta-las/>
Acesso em: 10 out, 2024.

⁵ Siluetas, Ana Mendieta, 1973-77 / 1991 Disponível em: <https://www.icaboston.org/art/ana-mendieta/silueta-works-mexico/> Fonte da foto: <https://images.app.goo.gl/2rxf6tcg6RkeerYr5>
Acesso em: 24 set, 2024.